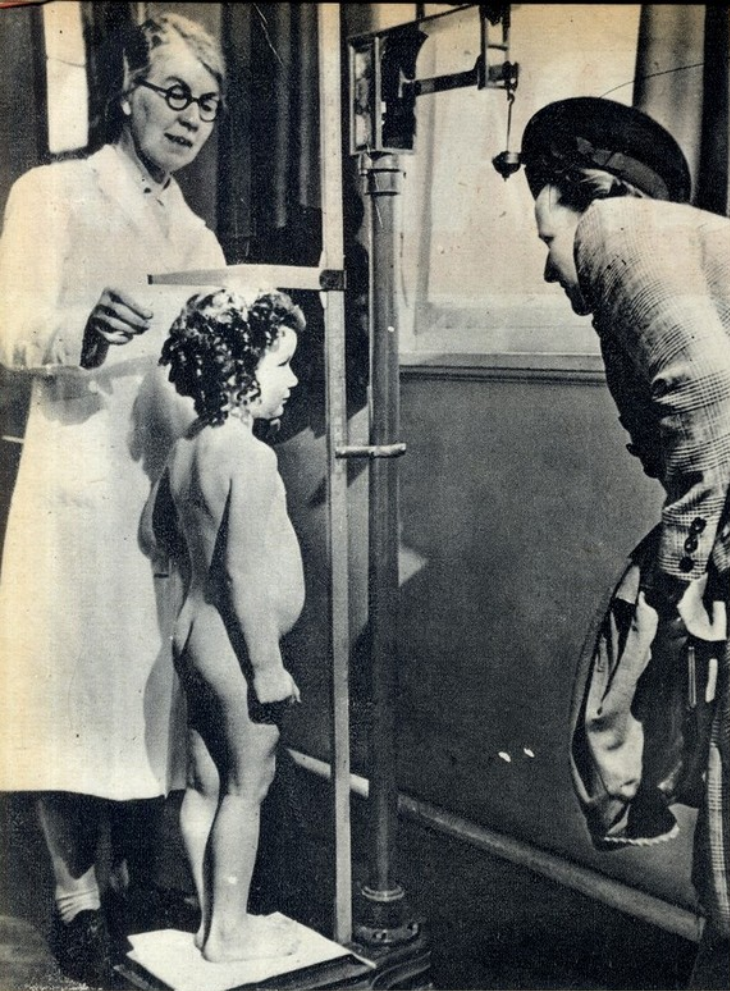


MUNDO GRÁFICO



A alegria destes
olhos
luminosos
sublinha
o sorriso
desta
bôca em flor



ESTÁ MAIS ALTA

OS "QUATRO MANEIS"

MILHARES de luso-americanos estão mostrando o seu amor pela pátria adoptiva, os Estados Unidos, não com palavras e expressões espectaculares, mas trabalhando, combatendo nas frentes de batalha, sacrificando os seus confortos pessoais para que as tradições americanas, sejam defendidas e preservadas.

Típicos soldados portugueses que puzeram de parte os seus negócios e trabalhos do tempo de paz para servirem nas indústrias de guerra americanas, são os inseparáveis «quatro Maneis» que trabalham, agora, num arsenal da Califórnia. São eles: Manuel Pita, inspector de mecânicos navais; Manuel Teodózio, montador de pranchas; Manuel Ferro, pintor, e Manuel Ramos, rebitador. Amigos muito antes dos Estados Unidos entrarem no conflito, decidiram trabalhar para a guerra, ao mesmo tempo. Tornaram-se, rapidamente conhecidos entre os outros operários pela lealdade para com eles próprios e para com o seu país adoptivo.

Manuel Pita, que tem a seu cargo a difícil tarefa de inspeccionar mecânicos, nasceu, há 34 anos, na ilha da Madeira. Tendo ido para os Estados Unidos em 1919, foi educado em Oakland, tornando-se um habilidoso modelador numa fundição de ferro daquela cidade.

Quando se começou a construção de navios tipo «Liberty» para a marinha mercante dos Estados Unidos, Manuel Pita, foi um dos primeiros a responder: «Se o meu trabalho no estaleiro influe na diminuição do tempo da guerra, nem que seja por um só minuto, sentirei que valeu a pena».

Manuel Teodózio nasceu na Califórnia, mas os seus pais vieram da ilha das Flores, nos Açores. Visitou já os Açores algumas vezes. Antes de se encontrar com o seu amigo Pita nos estaleiros, Manuel era guarda dum pomar de nogueiras, algumas milhas afastado de Oakland. Hoje é montador de pranchas, e a-pesar-de-êle e sua família serem forçados a deixar a sua confortável casa da quinta para habitarem a cidade onde Manuel trabalha, sente-se feliz por tomar parte na luta da América pela vitória.

«Creio, afirmou Manuel Teodózio, que trabalhando na indústria de guerra estou servindo Portugal tal como os Estados Unidos. A vitória dos Aliados garantirá a salvação e a felicidade que Portugal e todas as outras nações livres no mundo têm direito a gozar».

Antes da guerra, Manuel Ferro, que veio em 1920 dos Açores para os Estados Unidos, estava encarregado da pintura e reparação dos «ferry boats» que transportavam passageiros através da baía de S. Francisco. Portanto, quando a América necessitou de pintores treinados para os barcos «Liberty» este luso-americano estava preparado para tal tarefa.

O mais concentrado dos «quatro Maneis» é o Ferro. «Estou satisfeito, declarou, por ter aprendido a pintar navios antes da guerra. Quando se fez a proclamação estava preparado».

(Continuação na página 29)



CREMES
PARA DE DIA
E PARA DE NOITE



Academia
Científica
de Beleza

AV. DA LIBERDADE, 35
Telef. 21866 — LISBOA

OS PRODUTOS
DE
BELEZA

Rainha da Surgria

PARA PELES NORMAIS, EMBELEZAM, REJUVENESCEM E ETERNIZAM A MOCIDADE

SALÕES DE ESTÉTICA E DE TRATAMENTOS DE BELEZA POR PROCESSOS CIENTÍFICOS

HERPETOL

PARA DOENÇAS DA PELE

UMA GOTTA DE HERPETOL e o seu desejo de coçar passou. A comichão desaparece como por encanto. A irritação é dominada, a pele é refrescada e aliviada. Os alívios começaram. Medicamento por excelência para todos os casos de eczema húmido ou seco, crostas, espinhas, as erupções ou ardência na pele.

À venda em todas as farmácias e drogarias

Vicente Ribeiro & Carvalho
da Fonseca, Limitada

RUA DA PRATA, 237
LISBOA



REFLEXOS DO MUNDO

Selos de guerra

A Polónia fez uma nova emissão de selos: a segunda desde que o seu governo se encontra no exílio, esperando a hora vitoriosa e próxima do regresso, que mostre a actividade combativa de um povo que foi o primeiro a sofrer a agressão alemã.

Entre as actividades de guerra, incluíram-se, nesta colecção histórica, duas das mais eficientes e perigosas. Dois dos selos mostram a actividade da imprensa clandestina e a destruição das comunicações inimigas.

Outro mostra-nos a redacção do jornal «Rzeczpospolita Polska» (República Polaca) instalada num subterrâneo onde áfanosamente se trabalha, re-



Uma americana dos serviços auxiliares de aviação, recebendo um avião do mais recente modelo

ve'ando tôdas as perseguições, violações e exações cometidas pelo nazismo, na heróica e martirizada Polónia. Sobre um mastro de jornais vê-se uma pistola a dicar o perigo dos que se arriscam à tão nobre e patriótica missão.

Pais sempre esfaçado, Polónia nunca se confessou vencida. Encontra na coragem de seus filhos a garantia da sua vida no dia de amanhã.

Operação de urgência

Em tempo de guerra, necessidades permanentes revelam-se vocações extraordinárias.

Na tripulação dum submarino americano imerso, sobreveio um caso de apendicite. Seria fatal. O submarino, perseguido por navios que lançavam bombas de profundidade, não podia vir à superfície. Não havia médico a bordo. Nem médico nem instrumentos de operação. Contudo, era necessário operar o homem, ou êle morreria.

Um oficial que assistira a duas operações de apendicite, propôs-se, declarando, porém, que poucas esperanças tinha no resultado da sua improvisação cirúrgica. Reunido o conselho de



oficiais foi resolvido tentar... o impossível.

O doente foi cloroformizado e a operação fêz-se com os instrumentos de ocasião. Levou duas horas, quando, normalmente, se faz em menos de trinta minutos em qualquer hospital. Só para encontrar o apêndice o médico de empréstimo levou meia hora!

O doente, contudo, salvou-se e era isso que se pretendia! Para os yankees, como vêm, nunca há dificuldades. Dinamismo e resolução, são as suas virtudes.

A libertação de Itália

As Nações Unidas já mais de uma vez declararam que as não movem qualquer ambições territoriais. Não pretendem enriquecer à custa dos vencidos, nem transformar êstes em escravos.

Os seus chefes teem-no declarado e assim teem procedido os seus exércitos nos países até agora libertados.

O general Clark, que comanda êsses milhares de bravos que fincaram pé em Salerno e ali se agüentaram contra todo o furor

A FIGURA DUM HERÓI

Mihailovich, nome legendário, cujo heroísmo invencível ilumina dum clarão imorredouro a luta da Jugoslávia pela sua independência

inimigo, tem recebido das populações provas inequívocas de que a sua missão é verdadeiramente libertadora. Os italianos recebem os soldados do 5.º e 8.º exércitos com frenéticas manifestações. Dir-se-á que acordam de um pesadelo de vinte anos.

O general Clark, ao receber o grau de doutor «honoris causa» pela Universidade de Nápoles, declarou numa frase lapidar, que define a nobreza de uma grande e desinteressada causa: «Do vosso território só queremos o bastante para sepultar os nossos gloriosos mortos».

MAQUINA DE ESCREVER
NÃO ERA CONHECIDA
ATÉ QUE EM 1873

REMINGTON

CONSTRUIU
A PRIMEIRA

MÁQUINAS
Comerciais
Portáteis
Somar
Contabilidade

OFICINAS DE REPARAÇÃO
COM PESSOAL ESPECIALIZADO

FICHEIROS
KARDEX
E ARQUIVOS

LISBOA

Rua da Misericórdia 20-1.º
TELEFONES: 21802-21803

PORTO

Rua Sá da Bandeira, 69-2.º
TELEFONE 1276



O general Laycock, que sucedeu a Lord Luz mountbatten, no comando das operações combinadas



...aqui

AMÉRICA



Emissões dos ESTADOS UNIDOS

EM LINGUA PORTUGUESA

(Recorte esta Tabela para referência futura)

HORAS	ESTAÇÕES	ONDAS	ESTAÇÕES	ONDAS	ESTAÇÕES	ONDAS
7,45	WRUL	38,4 m.	WRUW	49,6 m.	WKLJ	39,6 m.
8,45	WRUL	38,4 m.	WKLJ	30,7 m.	WKJS	39,6 m.
9,45	WKLJ	30,7 m.	WKTS	39,6 m.	WBOS	48,9 m.
12,45	WKLJ	19,6 m.	WGEO	19,5 m.		
13,45	WRUW	25,5 m.	WKLJ	19,6 m.	WBOS	19,7 m.
14,45	WRUW	25,5 m.	WKLJ	19,6 m.		
17,45 } 18,45 }	WRUS	19,8 m.				
19,45	WGEO	19,5 m.	WRUS	19,8 m.		
20,45 às 21,15	WGEO	19,5 m.	Meia hora de programa especial em português e noticiário.			
	WRUS	19,8 m.				
21,45	WRUA	26,9 m.	WRUS	19,8 m.	WKLJ	30,7 m.
22,45 } 23,45 }	WKLJ	30,7 m.				

A «VOZ DA AMÉRICA» em português pode ser também escutada por intermédio da B. B. C. das 19.45 às 20 horas na frequência de 48.43 m., 41.96 m., 31.41 m. e 25.09 m.

Emissões diárias

OIÇA a VOZ da AMÉRICA em MARCHA

QUANDO UM MINISTRO DA MARINHA PORTUGUESA

foi hóspede da armada Britânica em Gibraltar

ISTO passou-se há quasi dezóito anos. Em Janeiro de 1926, uma esquadra de cruzadores da Armada britânica, entrava no Tejo, sob o comando do almirante Kelly, com o encargo — muito honroso para Portugal — de convidar o ministro da Marinha, então o comandante Pereira da Silva, a deslocar-se a Gibraltar para assistir às manobras de inverno da Esquadra do Atlântico. O convite foi aceite e, na tarde de 21 de Janeiro, a esquadra britânica, escoltada pelos nossos já hoje desarmados contra-torpedeiros «Tamega» e «Vouga» e sobrevoada por hidro aviões, largou do Tejo e dirigiu-se à baía de Cascais onde, no velho cais do Maregrazo, o ministro da Marinha embarcou para bordo do navio-almirante britânico — o cruzador «Curacao».

No dia seguinte, ao largo do cabo de S. Vicente, com um dia esplendoroso de magnífica visibilidade, Pereira da Silva podia admirar, da ponte do «Curacao», a Esquadra do Atlântico a desenvolver um tema táctico a grande velocidade: uma divisão de cruzadores era impedida de abrir passagem para o norte, por esquadrilhas de contra-torpedeiros e de submarinos.

Ao aoitecer, tida a Esquadra do Atlântico, levando à testa o navio que conduzia o ministro português, navegou para Gibraltar onde entrou na manhã seguinte. Ao avistar-se, ao longe, o distintivo verde-branco do nosso ministro da Marinha, o couraçado «Resolution», fundeado naquela base naval, deu-lhe a salva da ordenança. No gigantesco navio e em outros que ali se encontravam, formavam rapidamente as guardiões. Os acordos distantes da «Portuguesa» vinham dos lados do «Resolution» e oulham-se já a bordo do «Curacao».

Pereira da Silva passou revista à esquadra de couraçados e, logo que o seu navio lançou o jorro ao fundo, dirigiu-se para bordo do «Resolution» onde o almirante Mitchell o aguardava. Houve um banquete em que a amizade luso-britânica foi saudada e reafirmada em termos calorosos.

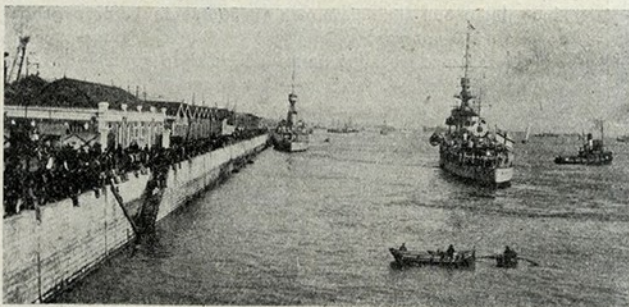
Pereira da Silva foi também solenemente recebido a bordo do «Hoods», onde admirou o aprumo dos 1.400 homens da sua guarnição e onde recebeu os cumprimentos de todos os comandantes das divisões e navios da Esquadra do Atlântico.

No dia 25, após uma camaradagem salutar e frutuosa, Pereira da Silva deixava Gibraltar a bordo do veloz contra-torpedeiro «Westminster», que o trazia ao Tejo à velocidade permanente de 20 nós.

A Inglaterra tinha prestado uma homenagem, pouco vulgar na sua tradição naval, a um ministro de Armada estrangeira: convidá-lo a ser seu hóspede, em período de manobras, durante alguns dias, no mar.

Pereira da Silva, pelo muito que sempre trabalhara no sentido de valorizar a Marinha de Guerra nacional e assim, indirectamente, a nossa posição perante a Aliança, torná-ra-se merecedor de tão alta distinção.

M. de O.



Em cima: De regresso de Gibraltar, Pereira da Silva desembarca do «Westminster», em Lisboa

Em baixo: Perante milhares de pessoas, a frota britânica que conduziu o ministro português a Gibraltar larga do Tejo

Mutilado glorioso

O general Carton de Wiart é o militar mais mutilado do exército britânico. Em África, na Noruega, a sua passagem pelos campos de luta ficou-lhe como que gloriosamente assinalada no corpo.

Foi aprisionado pelos italianos quando ia tomar um comando no Médio Oriente e o seu avião caiu no Mediterrâneo. O herói, porém, atingiu a praia a nado, apesar de não dispor senão de um braço.

Foi libertado quando das negociações do armistício, tendo estado em Lisboa nessa altura.

O glorioso mutilado, em cujo peito brilha a mais alta condecoração britânica — a Vitória Cross — foi, agora, representante de Churchill junto do Generalíssimo Chang-Kai-Chek.

O Almirante

do Mediterrâneo

A despedida do almirante de esquadra, Sir Andrew Cunningham, do comando naval do Mediterrâneo foi grandiosa na sua simplicidade. Esse admirável lóbo do mar no qual se projecta o génio de Nelson, que nas horas mais sombrias e tempestuosas da guerra, varria vitoriosamente o «Mare Nostrum» atacando, o inimigo nos seus próprios postos, foi guindado ao mais alto cargo a que ascende um marinheiro britânico.

Nomeado Primeiro Lord do Mar, teve de deixar as águas que presenciaram a sua audácia, a sua coragem e o seu heroísmo. A cerimónia de despedida foi para ele completamente inesperada. Quando o almirante se foi, pela última vez, do Quartel General Aliado do Norte de África, onde se fôra despedir do Eisenhower, encontrou, cá fora, uma guarda de honra de excepcional representação, constituída por destacamentos de Marinha, do Exército e da aviação americanos e britânicos.

A banda americana tocou o «Rule Britannia», enquanto o almirante e o general faziam a continência às gloriosas bandeiras das duas nações.

COMPANHIA COLONIAL DE NAVEGAÇÃO

SERVIÇO DE CARGA E PASSAGEIROS

LINHA RÁPIDA DA COSTA ORIENTAL

Saídas mensais regulares, com escala por:

Funchal, S. Tomé, Saxeire Luanda, Porto Amboim, Lobito, Mossamedes, Lourenço Marques, Beira e Mocimboa e para mais portos da Costa Ocidental e Oriental, sujeitos a baldeação em Luanda e Lourenço Marques

Linha rápida da Costa Ocidental

Saídas mensais regulares, com escala por:

Príncipe, S. Tomé, Ambriz, Luanda, Porto Amboim, Novo Redondo, Lobito e Benuela e demais portos da Costa Ocidental, sujeito a baldeação em Luanda

Linha da Guiné

Saídas mensais regulares com escala por

S. Vicente, Praia, Bisau e Bolama

Linha da América do Norte — Linha do Brasil

FROTA

VAPORES DE PASSAGEIROS

«SERPA PINTO»... 8.267 ton.
«MOUZINHO»... 3.374 »
«COLONIAL»... 3.309 »
«JOÃO BELO»... 7.540 »
«GUINÉ»... 3.200 »

VAPORES DE CARGA

«LUGELA»... 8.340 Ton.
«HUAMBO»... 7.060 »
«LUANGO»... 7.085 »
«PUNGUE»... 6.290 »
«BAILUNDO»... 5.650 »
«MALANGE»... 5.030 »
«LOBITO»... 4.200 »
«BUZI»... 2.160 »
«SENA»... 1.420 »
«MICONDO» (cost.) 270 »

ESCRITÓRIOS

LISBOA — Rua Instituto Virgílio Machado, 14 (à Rua da Alfândega) — Telefone 2.0051

PORTO — Rua do Infante D. Henrique — Telefone 2.342

Revelação de Rolos, Cópias e Ampliações





SIR HASTINGS ISMAY, ★

O conselheiro militar da delegação britânica à Conferência de Moscovo é uma personalidade eminente não apenas pelos seus méritos mas também pelos seus indiscutíveis dotes de organizador e de negociador. A sua acção no decurso do actual conflito tem-se feito sentir numa forma notável quer na preparação de planos estratégicos de envergadura, quer na realização de conversações delicadas com os chefes militares das potências aliadas da Gran-Bretanha.

Falar da acção do general Sir Hastings Ismay o mesmo é que falar da acção do Primeiro Ministro Winston Churchill no Ministério da Defesa Nacional. Os dois homens têm trabalhado em tão estreita colaboração que os historiadores, no futuro, não deixarão de prestar certamente homenagem a uma equipa que soube preparar e construir a vitória nos campos de batalha. Soldados como Wavell e Auchinleck, Alexander e Montgomery, Gort e Anderson honraram-se em executar as ideias e em tornar realidades os projectos dessa equipa.

A estratégia britânica tem-se afirmado de maneira superior no decurso do actual conflito. A epopéia de Dunkerque como a campanha da Birmânia ficarão na história militar do nosso tempo como páginas de previsão inesquecíveis e de realização insuperável.

Mas o valor dessa estratégia tem-se documentado igualmente na recusa obstinada a seguir sugestões que não sejam ditadas pelas mais puras razões militares. Os arquivos do Estado Maior Imperial e do Ministério da Defesa Nacional hão-de fornecer a prova dessa coragem dum tipo superior que consiste em não acompanhar as flutuações de opinião e o sentimento dos povos.

CRÓNICA INTERNACIONAL

Um continente histórico

A conferência de Moscovo terminou os seus trabalhos. O mundo conhece, na generalidade, os resultados a que nela chegaram os representantes da Gran-Bretanha, dos Estados Unidos e da Rússia. Esses resultados não excederam, apenas as expectativas mais optimistas. Fizeram da Conferência um acontecimento histórico cujas conseqüências se farão sentir, duradouramente, na liquidação rápida da guerra e na preparação harmoniosa da paz.

O presidente Roosevelt não exagerava, decerto, ao declarar publicamente na véspera da publicação do comunicado oficial da Conferência que esta constituía um tremendo êxito. Para as Nações Unidas ela foi a consagração da vitória certa. Para os seus adversários foi o desaparecimento da última e tênue ilusão que alimentava mais a máquina da sua propaganda do que a sua vontade.

«Uma grande batalha ganha equivalendo a muitas divisões inimigas derrotadas». Assim se exprimiu um político norte-americano e poucas vezes, como agora, uma imagem aparentemente literária terá correspondido a uma realidade verdadeiramente militar. Uma grande batalha, a última e decisiva batalha desta guerra.

É um lugar comum dizer que não é apenas nos campos de batalha que as guerras se ganham e que uma negociação feliz pode ser mais fértil em resultados do que uma vitória estrondosa. O caso da Conferência de Moscovo confirma um princípio que é de todos os tempos e de todos os climas. Seria difícil conceber a existência de personalidades tão experimentadas como os srs. Eden, Cordell Hull e o comissário do povo para os negócios estrangeiros, Molotov.

Haverá interesse mais evidente e mais valioso do que o interesse de construir e conservar a paz? Mas haverá, nas nações verdadeiramente pacíficas, tendência mais acentuada do que aquela que os leva a detestar a guerra e envidar todos os esforços para impedir que ela volte a assolar o mundo? Esta identidade perfeita de interesse e de tendências está na origem do êxito que alcançou a Conferência de Moscovo.

Elucidados pelas lições dum passado recente e perturbado, os homens que tomaram parte nela sabiam que é fácil, nos momentos de crise que inevitavelmente acompanham a liquidação das lutas militares, deturpam as intenções mais generosas e confundir as propostas mais solenes.

A sua decisão de trabalharem em conjunto até que a paz esteja definitiva e solidamente restabelecida é um acto de tão grande significado como a sua resolução de vencerem, pelas armas, os inimigos comuns.

O pesado do passado, pesado que atormentou não apenas os países envolvidos na contenda que a humanidade inteira, começou a dissipar-se.

As questões do presente puderam ser resolvidas satisfatoriamente. A construção do futuro está a fazer-se com cautela mas com evidente boa vontade. A paz é uma conquista de todos os dias. O dia em que a Conferência terminou os seus trabalhos pertence ao número daquêles que marcam uma data na história do presente e na história que o futuro continuará a escrever. A Inglaterra, os Estados Unidos e os seus aliados, salvaram o continente europeu, na conferência de Moscovo.

O OBSERVADOR

Robin Campbell

Às vezes que parecem predestinados para a história. Nomes breves, cujas sílabas heróicas dir-se-lam arder, gloriosamente, confundindo-se com a epopéia das suas nações. Robin Campbell, filho do ilustre embaixador de Inglaterra, em Portugal, é um deles. Como todos os ingleses, cumpriu o seu dever, excedeu-o até, com aquela temeridade e grandeza, que são apandgio da raça. Quando Rommel ameaçava o Egipto, em 1941, um grupo de «comandos» assaltou, audaciosamente, o quartel general, que se encontrava, à rectaguarda, bem guardado, em pleno território inimigo. O dilema era este: vencer ou morrer. O general nazi não se encontrava ali, mas os comandos, supondo o contrário, invadiram todas as dependências, fazendo fogo sobre os oficiais alemães até por seu turno serem gravemente feridos. Um deles era Robin Campbell, de 31 anos, coração firme, alma franca, sorriso de audácia que, como voluntário, tomou parte nessa extraordinária façanha, donde o regresso seria, ele sabia-o como outros, fatalmente impossível. Mas o heroísmo é uma dívida total! Robin Campbell, com uma bala numa perna, resistiu até ao último cartucho. Prisioneiro, foi internado, num hospital, onde sofreu uma grave operação cirúrgica — claríssima delével mais gloriosa. Depois do armistício, a Itália entregou todos os prisioneiros. Robin Campbell libertou, voltou à sua casa de Londres — imagem gloriosa dum país pátria, onde os filhos de algo, como ele, são, afinal, soldados da primeira linha.

A luta na Jugoslávia

O heroísmo da Jugoslávia é um exemplo a todas as nações ocupadas da Europa. Os indomáveis camponeses montenegrinos, nunca aceitaram o jugo do invasor. Bateram-se sempre. O romântico punhado de patriotas, com velhas escopetas e meia dúzia de canhões, converteu-se num exército, onde todos os povos da Jugoslávia têm soldados, cujo dinamismo, a au-lácia e a coragem têm infligido fulminantes vezes às tropas nazis.

Tanto são uma ameaça, como um pesadelo para os invasores. Aparecem aqui, para desaparecer ali, voltando mais tarde emmaranhando e desarticulando a pesada máquina de guerra alemã. Acendeu-se nos montes montenegrinos a fogueira da liberdade. É ao seu fogo que Mihailovitch retémpera a espada vingadora!

MUNDO GRÁFICO

REVISTA QUINZENAL

Director: ARTUR PORTELA
Editor: ROCHA RAMOS

Propriedade do Mundo Gráfico, L^o

Redacção e Administração: Rua das Gáveas, 6-2.º | Lisboa | Telefone 25240

Composição e Impressão: Neogravura, Ld.ª, Travessa da Oliveira, à Estréla, 4 a 10 — Lisboa

PAGINAÇÃO DE ROMEU MARQUES CARDOSO

Preço 1\$50

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

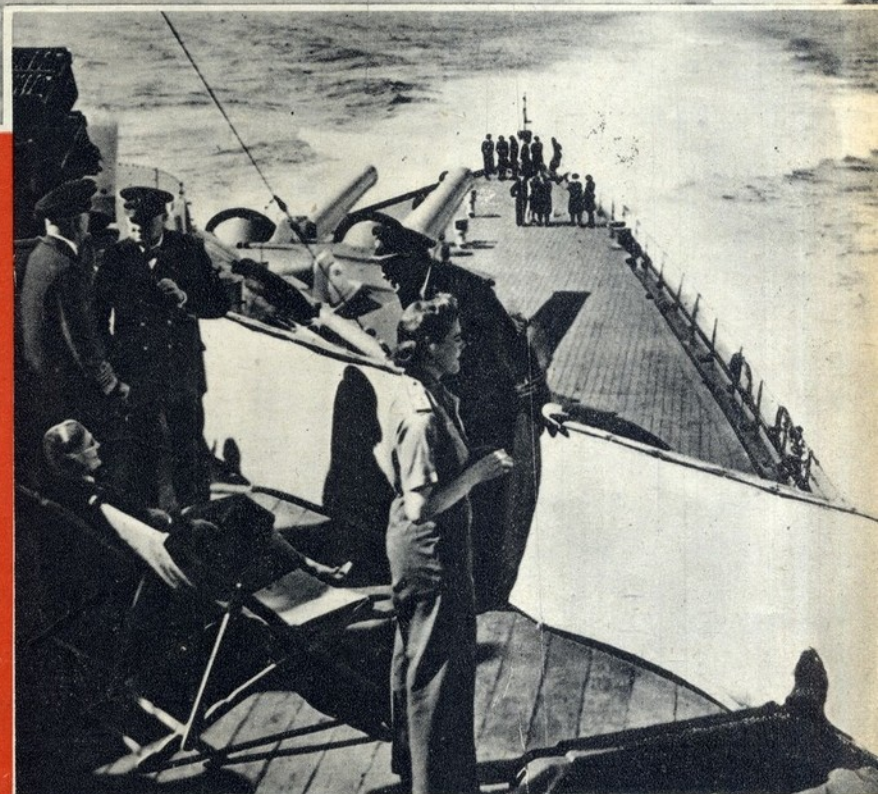


Duas bandeiras vitoriosas e dois grandes chefes. Em Argel, o general Eisenhower ordenou uma guarda de honra especial ao almirante Cunningham por ele ter sido nomeado Primeiro Lord do Almirantado. Ao lado do grande cabo de guerra americano, vê-se o vencedor de Taranto, Matapan, e outras batalhas decisivas que ficaram atestando o gênio naval da Inglaterra

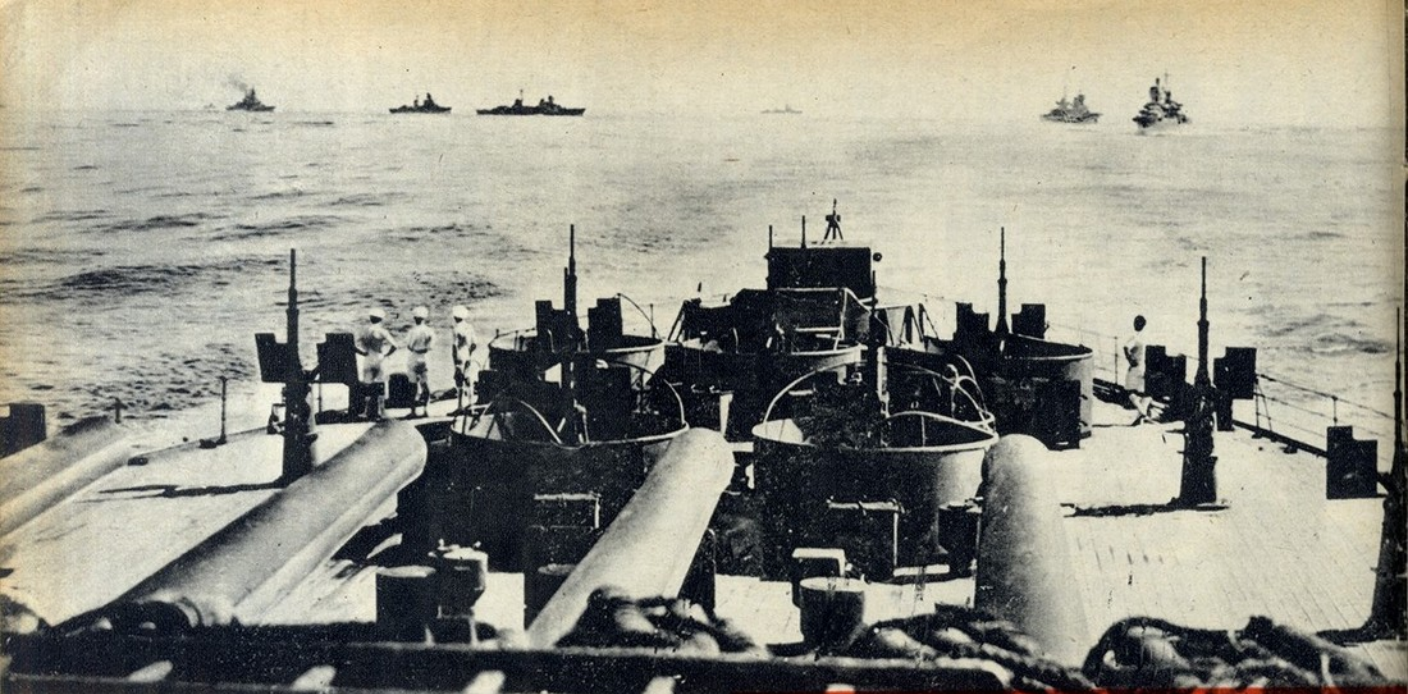
A TRADIÇÃO GLORIOSA DA ARMADA REAL

“O rei morreu. Viva o rei!” Esta fórmula tradicional da ascensão dos novos monarcas ao trono bem pode aplicar-se à tradição da Armada Real da Gran-Bretanha. A substituição, recentemente efectuada, do almirante Sir Dudley Pound pelo seu camarada Sir Andrew Cunningham é a prova mais convincente, e certamente uma das mais impressionantes, do valor e da perenidade dessa tradição.

Anunciando ao povo inglês a emoção profunda que produzira a revista tradicional de Spithead, em 1924, o “Times” escrevia: “O filho do rei Eduardo é rei e o sr. Ramsay Mac Donald é o seu Primeiro Ministro. Mas, o espírito da marinha e a sua razão de ser permanecem imutáveis porque são a força e a estabilidade de que



As proas dos couraçados britânicos que esmagaram o sonho de expansão nazi no mundo. Churchill não podia ter melhor pedestal para a sua glória que esta torre de aço. No “Reynown”, o Primeiro Ministro com a sua filha, de regresso dos Estados Unidos



A Itália, que sacudiu o fascismo, quer libertar-se dos erros por êle cometidos. Depois do armistício toda a esquadra daquele país seguiu para Malta e Alexandria cumprindo assim as indicações do almirante Cunningham. O couraçado inglês «King Jorge V», conduzindo-a para o último daqueles portos



A mão vigorosa do marinheiro inglês, que detém o poder naval do mundo. A bordo do couraçado «Anson» que tão notavelmente se tem destacado nesta guerra

dependem a existência do Império". O sr. Ramsay Mac Donald era um trabalhista como é um trabalhista o homem, ilustre por muitos títulos, que ocupa hoje as funções de Primeiro Lord do Almirantado. O "Times" tinha perfeitamente razão ao dizer que quaisquer que fôssem as individualidades, que transitariamente ocupavam o poder em Inglaterra, o espírito da marinha — a sua razão de ser — permaneciam imutáveis.

Quando Sir Dudley Pound morreu, no seu posto, como um dos mais bravos marinheiros da história inglesa, o nome do chefe eminente que libertara o Mediterrâneo e ganhara as mais brilhantes vitórias navais do nosso tempo, estava naturalmente

(Continua na página 29)



Uma visão admirável do desembarque em Salerno. A esquadra anglo-americana comboiando centenas de navios carregados de tropas e munições



Torrentes de material continuam passando no Oceano Glacial Ártico e no Mediterrâneo a caminho da Rússia. Dantes, no Atlântico Norte, ainda os alemães faziam frustradamente algumas surtidas rechaçadas, por êstes magníficos canhões britânicos. Agora, porém, os seus poucos navios já não saem dos portos, sendo ali gravemente avariados como sucedeu ao «Tirpitz» →

A TRAVESSIA DO VOLTURNO



Os alemães destruíram as pontes, mas a infantaria anglo-americana atravessou o famoso curso de água, numa das batalhas mais encarniçadas desta guerra, em que os alemães foram derrotados. Esta vitória das Nações Unidas abriu as estradas romanas aos seus exércitos que marcham para a capital da Itália, não apenas para libertar os italianos, mas também para defender o poder espiritual do cristianismo



Os heróis da Flandres, no cortejo da vitória, perpassam entre aclamações, nas ruas de Londres

COMBATENTES DA GUERRA

(Clichés de Arnaldo Garcez)



Nas trincheiras. O general Ferreira Martins, chefe do Estado Maior, no comando de um batalhão, na frente de batalha

11 de Novembro de 1918! Sobre a terra, que foi talada pela ambição da conquista, um clarim de ouro ressoa anunciando a paz. As ruínas erguem-se espectrais, condenando os que desencadearam a guerra e pretenderam dominar o mundo. Dormem os heróis que souberam morrer e vencer. Para que triunfassem os princípios eternos do direito dos povos e da independência das nações, correu muito sangue, e nós, portugueses, tomámos o nosso lugar na luta, com nobreza, dando à história pátria novos lampejos de glória. A invasão foi repelida, no sul da Angola, e ao norte do Rovuma, voltou à nossa soberania a cidade de Kionga, que nos havia sido arrebatada após a sentença favorável duma arbitragem internacional sem a mínima justificação.

Mas foi, na Flandres, que os portugueses, ao lado dos britânicos, seus aliados de sempre — da conquista de Lisboa, de Aljubarrota, da Restauração, e das invasões francesas — se cobriram de glória, marcando, porventura, o ponto de declínio do poderio inimigo. A alma de sempre da raça, as suas virtudes guerreiras, o seu idealismo, palpitarão por uma causa de resgate, em que havia a salvar, como agora, o património espiritual da humanidade e as conquistas pacíficas e benéficas da civilização. Também, a bandeira verde-rubra nos cortejos da vitória, desfilou em Londres e em Paris, em jornadas de inesquecível grandeza histórica ao lado das bandeiras gloriosas da Gran Bretanha e dos Estados Unidos.

Valorosos combatentes da guerra de 1914-1918, que tão alto levantaram o nome de Portugal, e cujas cicatrizes são outras tantas medalhas indelévels, saúde mo-los, comovida e respeitosa, tanto pelo que fizeram, como pelo que representam!



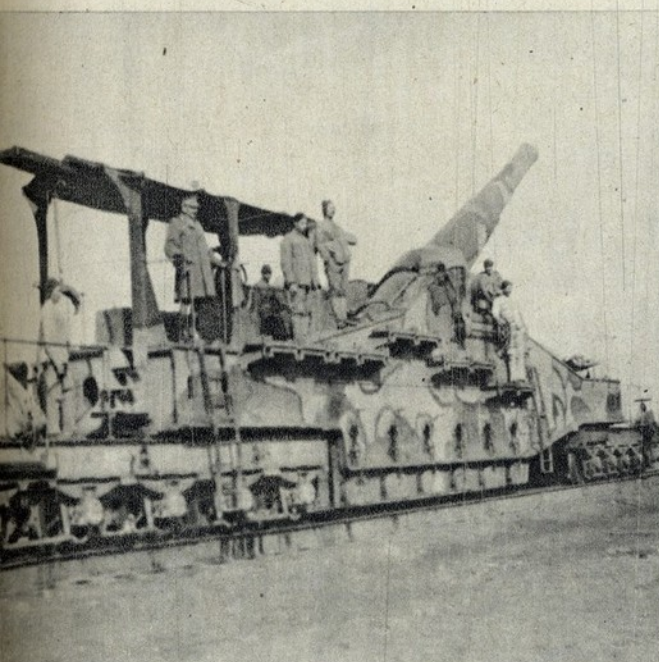
Uma enfermeira portuguesa num hospital de sangue



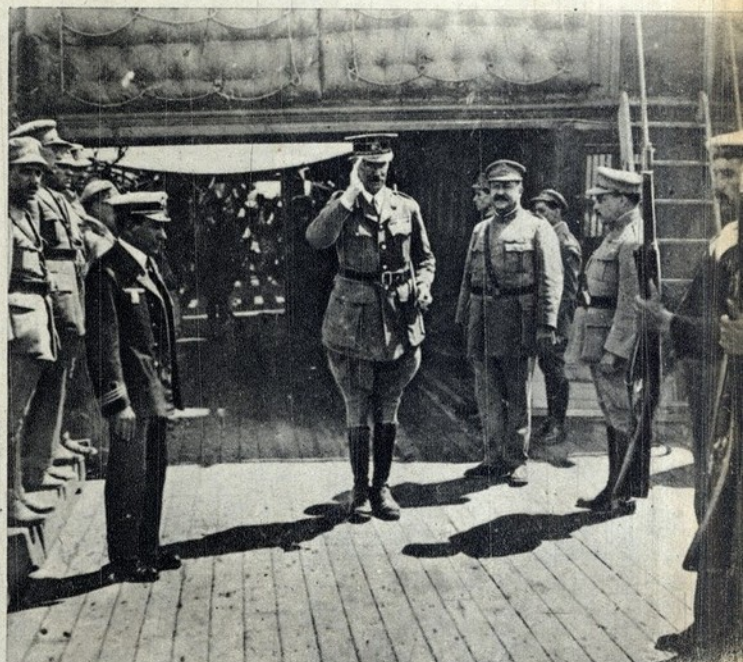
Os valentes serranos atravessam uma aldeia da França, para tomar posições na frente



Uma fotografia histórica. Clemenceau, o pai da vitória, que deve ser um símbolo para todos os patriotas franceses, visita o comandante do C. E. P.



Artilharia pesada. Esta peça fez terríveis estragos nas linhas inimigas



O general inglês Kerr, num dos transportes que levavam tropas para a França

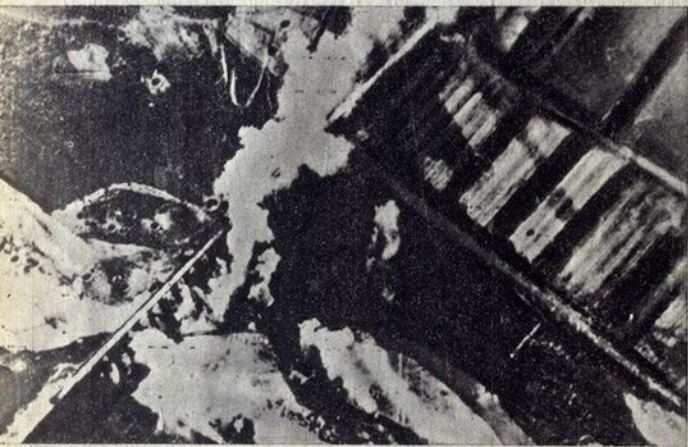
A RETIRADA



A retirada alemã na frente Leste, que começou no Volga, continuou no Dnieper e encaminha-se agora para o Dniester. Antes de abandonarem Krementchug, os nazis incendiaram a cidade, como se vê nesta fotografia tirada de um avião inglês



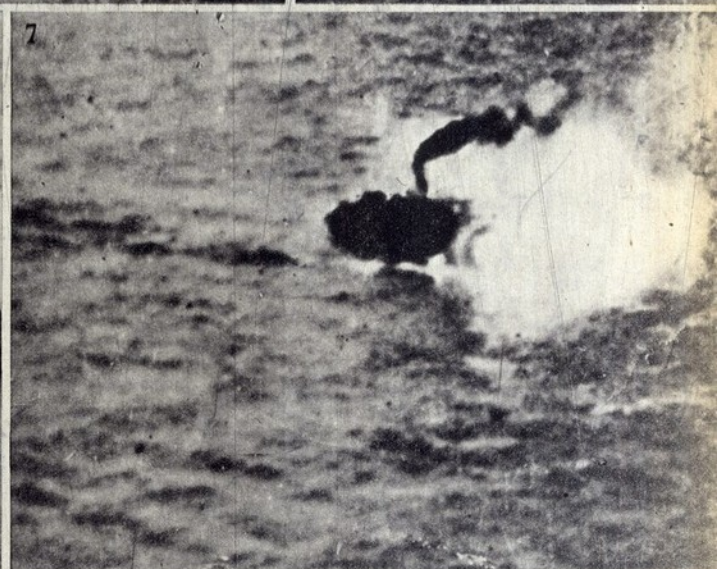
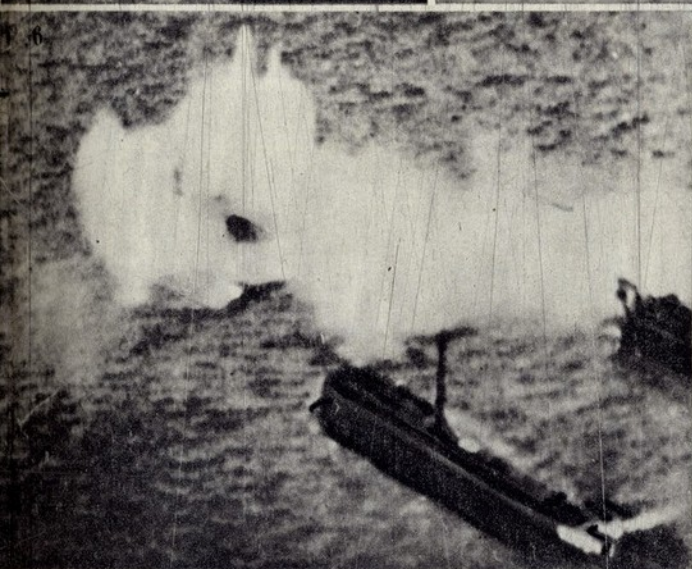
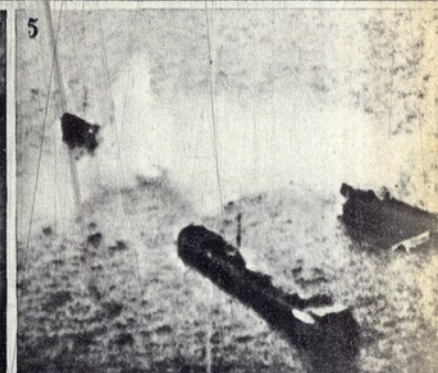
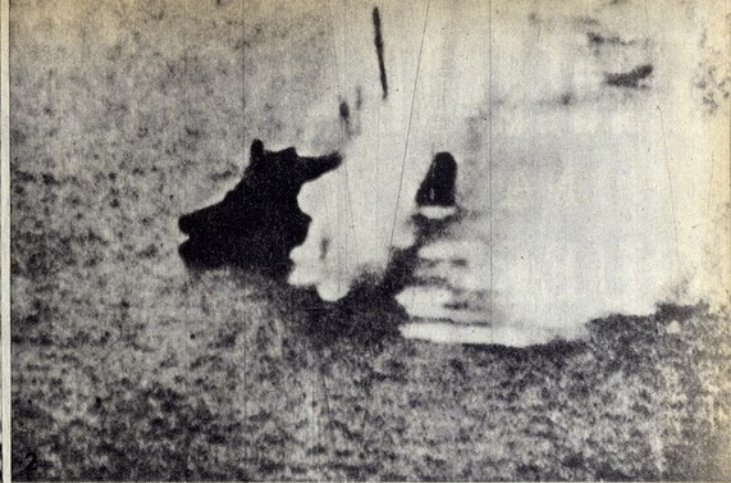
Os comandos ingleses serão, certamente, as tropas de elite que hão-de estabelecer a primeira testa de ponte da segunda frente, que trará a decisão da guerra. Homens extraordinariamente arrojados, eles sabem não apenas lutar contra o inimigo, mas também contra o fogo. Na hora decisiva nada os deterrará



Aos aviões da R. A. F. não há objectivos que resistam. Eis como foi destruída uma ponte vital sobre o rio Sangro, na Itália. As tropas terrestres alcançaram-no e ultrapassaram-no

Os alemães, segundo declarou Badoglio, têm cometido, na Itália, as maiores violências. A população de Nápoles foi singularmente visada pelos nazis. Ao abandonarem aquela cidade, colocaram ali numerosas bombas de retardador. A explosão de uma dessas bombas, no edifício dos correios, fez numerosas vítimas, ferindo gravemente este homem e a criança





Os "TYPHOONS" EM ACCÇÃO

Estes magníficos aviões ingleses são o terror dos comboios terrestres e marítimos inimigos. A navegação nazi está interdita. E, quando quaisquer dos seus navios aparece, repare o leitor no que lhes sucede, através destas imagens obtidas de bordo do aparelho chefe de uma esquadilha: ao largo das ilhas holandesas, os "Typhoons" destruíram, nesta sortida, uma lancha de alto-mar, três navios e um rebocador (as seis primeiras fotografias) e, de regresso à base, um dos aviões, pilotado por um neo-zelandês, incendiou, na Mancha, com umas rajadas das suas metralhadoras, mais um mercante alemão (os 3 últimos clichês).



A HOLANDA NA GUERRA



Os valentes soldados holandeses, que tão valorosamente têm colaborado com as forças de Mac-Artur na derrota dos japoneses, desfilam nas ruas de Melbourne



A Universidade de Oxford conferiu à Rainha Guilhermina da Holanda o grau de doutor "honoris causa", em Direito Civil. Sua Magestade passando revista à guarda de honra holandesa no pátio da Universidade



Os marinheiros holandeses sorriem à vitória

UM escritor francês que viveu durante muito tempo na Holanda, Henry Asselin, pôs em relêvo, num livro dedicado a esse país, as seguintes características do povo holandês:

«A Holanda foi um país de destemidos navegadores e de valentes soldados. No entanto, a mentalidade do actual povo holandês é a contradição do seu passado, pois hoje êle despreza profundamente a guerra. Não é por falta de coragem, pois o holandês mostrou já em vários momentos com que sublime tenacidade sabia defender o seu território. A sua atitude foi sempre defensiva e só com grande relutância pega nas armas quando a isso se vê forçado. Pode dizer-se, sem equívoco, que não se trata de um povo militarista. No entanto, esse povo, tem a paixão da independência, primeiro a do seu

(Continua na página 29)



A bordo de um submarino neerlandês, que tem afundado numerosos barcos inimigos

"CINZAS AO MAR"



Cinzas ao mar. O almirante Sir Dudley Pound, num gesto grandioso, que exaltou as gloriosas tradições dos marinheiros da Inglaterra, pediu que os seus restos mortais e os de sua esposa fossem lançados ao mar. Um aspecto do funeral, à frente do qual se vê o Primeiro Ministro Churchill



O Rei e a Rainha de Inglaterra entre os soldados do seu Império. A 4.ª divisão indiana, em Buckingham Palace, depois de Jorge VI ter condecorado um soldado com a Vitória Cross



A América continua a chegar à Europa. O exército auxiliar feminino, com os seus característicos capacetes, numa estação de Londres



O que sucederia aos alemães que, tentassem invadir a Inglaterra

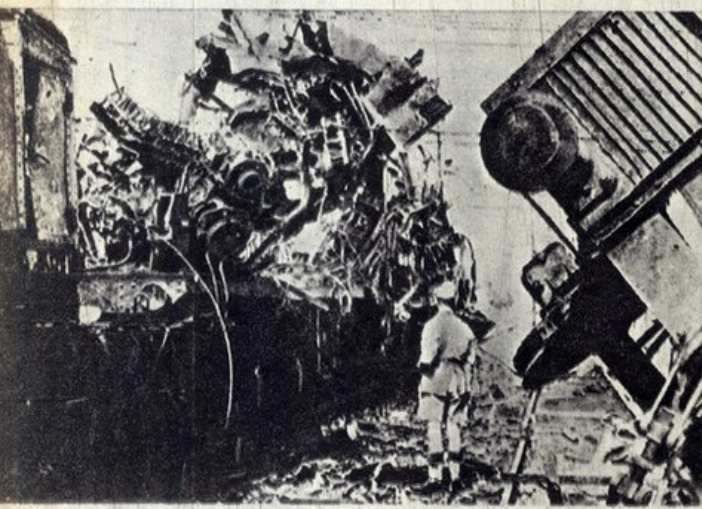


São estes magníficos canhões ingleses que têm destruído os tanks alemães. A passagem de um nas ruas de Sacafati

As majestosas águias americanas voam sobre a Europa, numa mensagem de esperança libertadora. Aquela fita serpenteando, à esquerda, entre montanhas, é o Volturno, sobre o qual os «Mitchells» yankees despejam, com precisão, o seu carregamento de bombas

Como se faz o avanço na Itália. O 5.º e 8.º Exército prosseguem a sua marcha sobre Roma

ÁGUIAS AMERICANAS



Os alemães retiram, deixando montões de ruínas e grande quantidade de material de guerra



Nesta guerra não há trincheiras. No seu avanço, os soldados improvisam-nas. Dois «tommies», na primeira linha, disparando um morteiro sobre o inimigo



Meis uma cidade conquistada pelos ingleses na Itália. Este soldado britânico domina o enfiamento de uma rua, não tardando em expulsar dali os últimos alemães



Maria e Clotilde, duas lindas italianas, confraternizam com um bravo do 8.º Exército e, os três, lagareiros improvisados, fazem o vinho da vitória



Comunicações da frente para a retaguarda. Um soldado americano com um aparelho de T. S. F., relata ao comando as fases da batalha



Uma secção de tropas inglesas, rastejando no solo, aproximando do inimigo e cai sobre ele de surpresa, derrotando-o



Uma visão do porto de Nápoles. Tudo isto já desapareceu. Os serviços de engenharia do Exército anglo-americano repararam rapidamente o porto



O compositor-pianista Marques Ribeiro, cujas composições já foram gravadas para emissoras estrangeiras. Sendo o mais jovem dos nossos compositores é, também, um valor reconhecido da música portuguesa. O artista executa em órgão uma nova composição



Marques Ribeiro, no momento em que estuda uma das suas obras. As mãos do pianista falam do seu poder criador



Paulo Manso, professor e virtuose, é já de há muito, justamente, considerado um dos nossos primeiros violínistas. O artista faz vibrar o violino em todo o seu mistério de sonoridades

MÃOS DE ARTISTA

DEPOIS do que Stefan Zweig escreveu sobre as mãos — a alma das mãos — com alguns imitadores pretenciosos, era ridículo tentar dizer de novo o que quer que fosse da expressão das mãos, mesmo quando são as mãos de músicos e não as de um jogador.

Umhas linhas, porém, eram necessárias para acompanhar ou, melhor, traduzir o pensamento do nosso reporter fotográfico, quando colheu as mãos de um pianista, finas, nervosas, dedilhando as teclas; as de um violonista, arrancando românticas harmonias; e as de uma arpista, saltitando sobre as cordas em vibrações metálicas de sinos.

E, como faria o louco poeta do Gog, que abandonava à fantasia do leitor as páginas em branco das suas poesias só título, assim nós arriscamos apenas a sugestão das imagens deixando ver o que passa da alma de um artista através das suas mãos.



A professora do Conservatório, D. Ceclia Borba, hoje a nossa mais notável artista, num momento de estudo. Apesar da sua modéstia a ilustre artista portou-se gentilmente a pousar para o «Mundo Gráfico»

EM ARMAS



Pela defesa sagrada da Polónia, contra a Alemanha invasora. Estas mulheres-soldados organizadas na Inglaterra, pelo Governo do seu país, saberão defender a sua terra e responder pelas vítimas indefesas do domínio dos ocupantes



Uma carga impetuosa no meio de uma nuvem de fumo



O assalto para a conquista de uma posição inimiga



No meio do arame farpado elas fazem fogo contra o domínio alemão



Comandos polacos femininos exercitando-se na Escócia. O lançamento de uma granada de mão



Esta carroça, que parte para a feira, leva, além dos produtos para a venda, um precioso «carregamento» de alegria, que se nota nos rostos dos seus proprietários



Eis um método que evita as perguntas sempre inconvenientes: «quantos anos tem»? Para se obter a certeza sobre a idade do burrico, basta erguer-lhe o lábio superior: o processo é infalível — dizem

AS FEIRAS E O POVO



O espectáculo dos «fenômenos», das «coisas nunca vistas», atraiem toda a gente. Este pequeno vendedor de peixe, atraído pelos encantos anunciados, na barraca, até se esqueceu de que precisa de vender as sardinhas



Um quadro que tentaria um pintor apaixonado por cenas rústicas



É entrar... é entrar... anuncia o palhaço. A senhora gorda, talvez suscite dúvidas ao leitor, e, também a nós, pois não sabemos se será um fenómeno, se uma espectadora

NAS feiras populares é onde a alma do povo mais claramente transparece. É ali que a expressão simples e descuidada toma aspectos cantantes de alegria. Não há pecado nos amores da gente humilde, nem intenções que não reflitam a bondade da nossa raça.

As feiras são um quadro vivo, agitado, polifónico, que traduzem o borborinho das gentes do Norte, quer sugiram a melancolia das extensas planícies alentejanas; ou, ainda, lembrem no Algarve, reminiscências lendárias de mouros encantadas.

Também é certo que, uma vez ou outra, surgem tumultos a que a esgrima do pau põe rapidamente fim. Mas, passados momentos, tudo voltou à mesma e tudo acaba em alegre libação ou em cantigas ingénuas de bem-querer.

A índole poética das nossas feiras, a coloração multicolor dos agrupamentos, as danças simples, são de ver e admirar pelos artistas. E que tesouros se podem aprender naquêlles *mare-magnum* de vestes tão diversas nas cores e nos feitios.

Sem a alegria das feiras que monótona seria a vida ruda dos que labutam na terra!

As feiras são, pois, para os aldeãos e moçoilas uma necessidade de espírito. Sim, de espírito; não sorriam.

A gente humilde também põe uma delicada parcela de espírito nos seus folguedos.

Nem é de admitir que as pessoas da cidade tenham a pretensão de só elas terem espírito.

E temos de nós para nós que se um dançador de fandango visse os contorsionismos dos «*swing*» ou das «*rumbas*» que são para aí dançados por gentes elegantes, era capaz de se rir e não gostar.

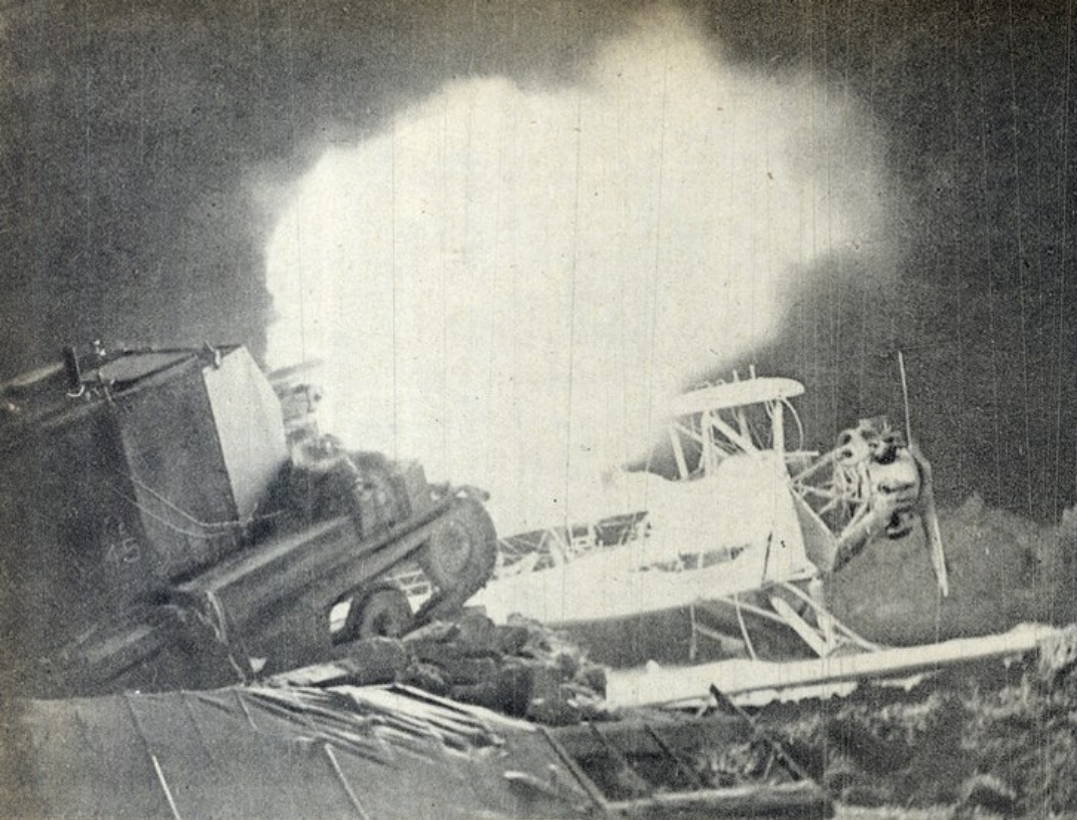
Talvez tivesse razão. Acreditamos. Aquêles descompassados movimentos de pernas obedecem à moda; enquanto, as danças do povo traduzem, na sua ingenuidade, sentimentos mais sinceros que são a alegria e as afeições das almas rudes e bondosas da gente dos campos.



Que belo quadro natural a que não podemos chamar de natureza morta, pois dele também participam esses humanos, vivos, esfaufalhados de alegria



O fotógrafo do «Mundo Gráfico» entre os asnos



Em pleno combate noturno. Os tanks ingleses, depois de passarem o Volturno, internam-se rapidamente nas linhas inimigas. Eis como se conquistou um dos aeródromos



A travessia do Volturno, que os alemães julgavam valorosas da história da guerra. As pontes



impossível, pode considerar-se uma das acções mais valiosas da história da guerra. As pontes foram lançadas e os blindados avançam



Americanos e ingleses. Duas grandes nações que defendem a maior causa de todos os tempos: libertar, salvar a Europa! Como eles transpuzeram Volturno

ROMA À VISTA



Os exércitos anglo-americanos têm feito numerosos prisioneiros nazis na Itália. Neste campo, onde viviam as vítimas do fascismo, vêm-se agora muitos soldados inimigos capturados



Apesar das dificuldades do terreno montanhoso e das condições do tempo, as tropas das Nações Unidas vão conquistando todas as cidades que as levam direitas a Roma. Os aviões britânicos destruíram a via férrea que, agora, num golpe de audácia, é tomada pelos «tommies»

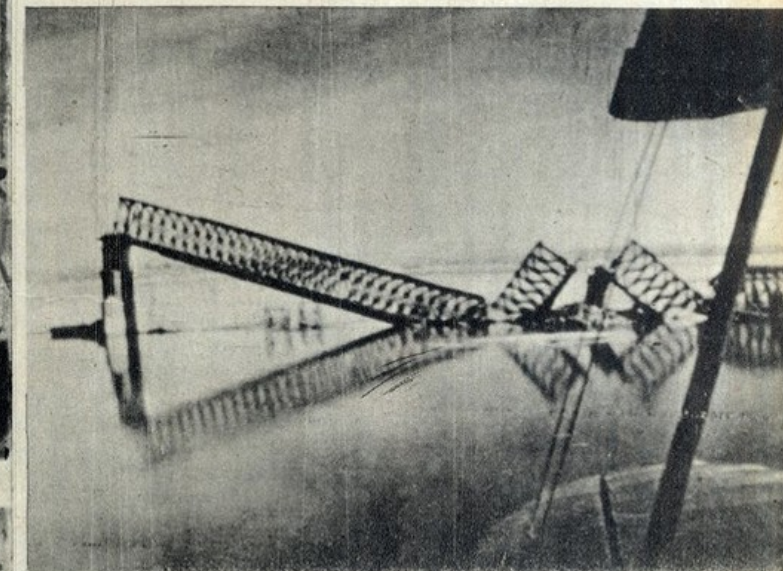


Sempre em frente. Uma brilhante carga de infantaria, à ponta de baioneta, que venceu fulminantemente o inimigo. Tratava-se de uma das testas de ponte destruídas, em vão, defender

vence fulminantemente o inimigo. Tratava-se de uma das testas de ponte destruídas, em vão, defender



Um instante flagrante da tomada de Sparanise. A rua está cheia de fumarada da metralha, mas os ingleses avançam, perseguindo os nazis



Os alemães, vencidos, «descolaram», mais uma vez, agora da margem direita do Dnieper, onde deixaram esta ponte destruída

FIGURAS E FACTOS



O sr. coronel Salvação Barreto, director geral dos Desportos, conferindo a posse à comissão administrativa da Federação de Futebol



O representante do Chefe de Estado condecorando o estandarte dos Bombeiros Voluntários de Lisboa



Passagem de modelos com chapéus de D. Maria José Pavão, no Hotel Aviz, a que assistiu a sr.ª D. Maria do Carmo de Fragoso Carmona, esposa do sr. Presidente da República



Os srs. Presidente da República e sub-secretário de Estado da Guerra, na cerimónia inaugural do ano lectivo, na Escola do Exército



O sr. ministro da Economia, tendo à direitx o sr. sub-secretário de Estado da Agricultura e, à esquerda, o sr. António Ferro, lendo uma alocução ao microfone da Emissora Nacional



Os adidos militar, naval e aeronáutico da Gran-Bretanha em Lisboa, depondo flores no monumento aos mortos da Grande Guerra, no dia do aniversário do Armistício

A FRENTE LESTE





Swing
rally

UM PERFUME MODERNO

APA

ONTEM E HOJE

Um romancista

SE não estamos em êrro, cremos que foi Zolá quem certa vez deu a um jovem escritor o conselho de que não cuidasse dos críticos e continuasse a escrever os seus livros, que o público daria, mais cedo ou mais tarde, pela sua obra.

Pode talvez aplicar-se a referência ao romancista Manuel de Campos Pereira. Entregue apaixonadamente à sua arte este escritor, que nem sempre tem sido generosamente apreciado pela crítica, publicou num curto período de actividade literária coisa parecida com uma dezena de volumes. Não é sómente o número de obras que obriga o público a notar e a admirar os seus romances; são também a intenção humana que põe nas suas páginas e a forma literária sempre mais lu-



minosa de livro para livro.

Vem este comento a propósito da segunda edição do romance «Corpo e alma», aparecida há dias.

Não pôr em relêvo o valor de certas obras e cercá-las do silêncio, além de não representar um acto de justiça, é ainda, de certo modo, dizer mal. Por isso, registamos o merecido êxito do último livro de Campos Pereira.

Tradutores e traduzidores

O trabalho de uma tradução literária é sempre obra que, quando feita conscientemente, oferece enormes dificuldades. Não basta conhecer a língua de que se traduz; importa e é indispensável ter em conta o idioma para o qual se versa. Além de que se torna necessário estudar e compreender, sem o adular, o pensamento original exposto pelo autor. Os tempos decorrem tumultuariamente; e este facto não permitirá, por certo, profunda meditação sobre a obra a traduzir e a entregar dentro de breves dias ao editor. Isto, porém, não quer dizer que não hajam aparecido, recentemente, traduções perfeitíssimas.

Afonso Daudet levou anos a modificar, a corrigir, a emendar, a alterar a «Safa». Baldemónio, o seu tradutor, gastou meses a traduzir aquelas deliciosas páginas românticas de Daudet. E a tradução é a tal ponto perfeita que alguém a esse respeito disse que não sabia o que mais admirar — se a beleza do original se a harmonia da tradução.

A propósito de traduções ocorre-nos este episódio factuoso passado há anos num jornal da manhã. O director, espírito brilhante de jornalista e de escritor, já falecido, éle próprio traduzia o folhetim da gazeta. Mas, certo dia, por quaisquer razões, não o pôde fazer; e transmitiu o caso à Redacção.

Logo, solícito, um repórter dedicado se apressa a oferecer-se:

— Não faz mal, sr. doutor. Eu traduzo. Isso para mim não tem espinhas...

E lançou-se afanosamente à tarefa. No dia seguinte quando entrou o director no jornal, o tradutor, ufano, dirige-se-lhe e pergunta:

— Então, sr. doutor, que tal achou a minha tradução?

E o director, sorridente:

— De facto, aquilo para você não teve espinhas... mas para os leitores teve ossos...

Seria um nunca acabar de citações de casos semelhantes a este. Mas, para findar, não resistimos ao desejo de lembrar este caso: Aqui há uns anos, um «ensaista» desaparecido, traduziu, por simpatia gráfica ou irresistibilidade fonética, «aventail», por avental, e chamou paisano a um «paysan».

Estes «percalços», podem atingir qualquer tradutor — tanto o que se esconde sob obscuro nome como aquele que pretende obter «preço» da categoria.



Júlio Denis

HÁ cento e quatro anos, a 14 de Novembro, nasceu no Pôrto, Joaquim Guilherme Gómes Coelho, cuja obra de romancista havia, mais tarde, de o celebrar com o nome de Júlio Denis.

O romancista, que deixou a existência com trinta e dois anos apenas, legou uma obra que hoje é considerada, pejorativamente, romântica. Assim é, de facto; a vida criou horizontes mais práticos; por isso, tudo o que lembre ternura humana, simplicidade e humildade está fora da nossa época.

Todavia, neste caso do romancista como, aliás, em tantos outros, nem sempre as opiniões se harmonizam.

Todos sabemos que as personagens dos seus ingénuos romances não são actuais. O tempo sepultou-as sob o esquecimento como velhas vidas cansadas. Ler hoje um romance de Júlio Denis não acredita ninguém — até pode ser ridículo. Todavia, o seu romance «Uma família inglesa», pintura admirável de costumes e caracteres, ainda é lido com interesse por pessoas dadas ao prazer de agradáveis leituras.

Mas, ocorre-nos esta pergunta: Por que demónio aboletas coisas esquecidas servem de pretexto a manifestações moderníssimas?

Se a arte de Júlio Denis, morreu há muito, como sentenciam por aí, por que motivo essa velharia se presta a animar o cinema? — uma das mais modernas manifestações artísticas!

ESCRITO ESTÁ...

de RAPOSO DE OLIVEIRA

Vá-me a tua mão tremente. Devagar...

— Porque me prendes, pálida de asparto, e, se te digo que te vou deixar, vejo o pavor no teu olhar em pranto?

Não respondas! Eu sei. Sentes findar o minulo de fel e de quebranto que em nossos corações há-de malar esta paixão sombria — este amor santo...

Sim. É força partir. Nesta loucura andamos nossas vidas a queimar, cada vez mais distantes da Ventura...

Escrito está. Assim terá de ser: ou eu me perco — para te salvar, ou tu me salvas — para me perder!



COSINHEIRO ALEGRE

Um romance em poucas linhas

A vida tem por vezes fantasias de romancista original. Brinca com os mortais como os gatos podem entreter-se com os ratos.

Há dias um jornal contava em meia dúzia de linhas um caso singular e novelasco. E o motivo, que daria impressionante novela, perdeu-se no noticiário banal do dia a dia.

O caso é este, assim concisamente relatado: Em qualquer terraola viveu e morreu pobríssima uma ignorada mulher que habitava misero tugúrio. O acontecimento, de vulgar que é, não merece comentário de vulto. Após a morte da desventurada velhinha — e aqui é que reside o aspecto caprichoso do destino — uns trabalhadores ao escavarem uma parede do casinhoto, deram com uma caixa cheiinha de moedas de ouro. Parece história, não é verdade? Pois é história e verdadeira; das muitas que a vida prepara: umas vezes para determinar contrastes de riqueza; outras, para assinalar a desventura de quem nunca poderá ser rico, mesmo que o destino lhe haja colocado em casa uma caixa a abarrotar de ouro.

Augusto Ricardo

PAGINA FEMININA

de Aurora Jardim

Contra o frio

Chegou o momento em que a gente diz:

— E-tá tanto frio!

Quando, afinal, é mentira — ainda não está tanto frio. Então que diremos em Janeiro, não é?

Mas esta frase, na bô-a da mulher, tem outra significação:

— Quero um casaco novo. Preciso de peles. Este vestido leve já não me agrada.

E, então, surge o casaco de agasalho, as grossas charpas de veludo ou lã, os capuzes em complemento de elegância prática.

Ora falemos de casacos — tanto podem ter a forma de *redingote* como serem soltos — depende não só do tecido como também do corpo, mais ou menos nutrido. Os mais novos são blusados, muito apertados na cinta e com pregas para baixo, dando bastante roda. Com punhos estreitos e grandes algibeiras, parecem-se com vestidos. Também estão em voga as formas *raglan* e *quimono*.

O *tailleur* continua com a saia bastante curta e a anca bem apertada. O de tarde, garante-se a peles várias. As algibeiras, que pretendem apenas aquecer, substituindo o regalo, são forradas por dentro. Nesta mesma ordem de idéias, ver-se-á muito a pelica. Diversidade entre a saia e o casaco, no fato desportivo.

Muitas peles invadindo tudo, até o botão, até a luva, até a bota, até o capuz.

— Que frio está hoje, não acha?



Como vestir a sua filha neste Outono

O seu pescoço

Inimigo n.º 1 da sua beleza

Em geral, trata-se da cara e não se faz caso do pescoço. Nem massagens, nem creme, nem atenção.

E não está certo.

Ora vamos lá nós a tratar do caso, que bem merece a nossa atenção, pois é, no pescoço, que os estragos do tempo se fazem primeiro sentir.

Se o pescoço fôr demasiadamente comprido ou atarracado, é necessário ter cuidado com o chapéu, o feitio do decote, as jóias, o corte do cabelo.

Se estiver enrugado: escová-lo, tôdas as manhãs, com água fria onde se deitou um pouco de tanino, ou, então, com uma infusão de chá verde. Depois, massagem de cima para baixo.

Se o pescoço não tiver rugas, mas apenas uma cor amarelada, em contraste com o rosto, deve-se fazer a massagem, na mesma, e aplicar, em seguida, uma loção tonificante, que pode ser a seguinte:

Alcoolato de rosas.....	60 grs.
Infusão de romaninho.....	15 »
Tintura de mirra.....	10 »



Três elegantes casacos de sport para os primeiros frios

Junta lentamente, mexendo sempre, 80 grs. de leite de amêndoas amargas.

Conservar um lindo pescoço é condição essencial à beleza feminina. Deve dormir-se com a cabeça baixa, dar dez passos, tôdas as manhãs, com dois ou três livros, em equilíbrio, na cabeça, fazer movimentos para todos os lados e ter uma boa

modista: um laço, uma gola, certa maneira de pôr a p. le do casaco, a cor — são condições essenciais para dissimular ou favorecer a linha do pescoço, para conservar a sua harmonia. Atenção, pois, ao inimigo n.º 1!

É ciumenta?

Mesmo que o seja, mostre o menos possível. O homem, ao princípio, ainda acha graça, mas depois, como é muito egoísta, irrita-se.

Ora responda a este simples teste.

Se as respostas afirmativas forem superiores às negativas, cuidado: domine-se.

1 — Revista-lhe a correspondência para ver se encontra alguma letra feminina?

2 — Zanga-se quando êle pre-texta sair à noite, vários dias na semana?

3 — Nota que êle acha a sua amiga fulana «muito engracada?»

4 — Tem uma críspação sempre que êle corre para o telefone?

5 — Observa-o, de sobrance-lhas carregadas, quando êle dança com outra?

6 — Cheira-lhe a roupa?

7 — Detesta que êle goste da conversa de outra mulher?

8 — Pergunta aos amigos se têm estado com êle?

9 — Prescrita a gola do casaco, a ver se tem algum cabelo alheio ou qualquer marca de *báton*?

PHILIPS

PHILIPS

É

PHILIPS

sempre a melhor

CASA QUEY

HOSIERY SPECIALITS

OUT SIZES

MAISON FRANÇAISE

RUA SERPA PINTO, 18

Os "quatro Maneis"

(Conclusão da página 2)

A construção de navios foi uma nova experiência para Manuel Ramos, que deixou a Madeira em 1922 para ir para os Estados Unidos, mas de depressa abandonou a sua boa profissão de fazendeiro numa herdade para trabalhar como operário num estaleiro. Frequentando cursos noturnos de treino na escola industrial do estaleiro, especializou-se como rebitador, sendo considerado, hoje um dos melhores.

«A América forneceu-me a educação e a oportunidade de dar à minha família conforto e felicidade» disse Manuel Ramos. Se o meu trabalho no estaleiro ajuda, mesmo pouco que seja, a esmagar os inimigos da América, orgulho-me de estar aqui.

A Armada real

(Continuação da página 8)

designado para lhe suceder. O seu nome, aureolado pela ressurreição da mais pura estratégia nelsoniana, a estratégia do risco, fôra unânimemente designado pela coroação e pela vontade de todos os seus compatriotas. O acto oficial da sua nomeação, se nada acrescentou à glória que envolvia o seu nome, constituiu um motivo legítimo de orgulho para a Inglaterra e de satisfação para todo o mundo.

A marinha de guerra inglesa continua. Foi ela que, mais uma vez, na história, contribuiu decisivamente para fazer triunfar os valores do espirito sobre as contingências da guerra. Porque essa marinha não é apenas o instrumento da superioridade naval dum grande nação. É, como disse Jacques Bainville, uma grande força da civilização. A humanidade habituou-se aos benefícios que resultam da liberdade dos mares e mal repara que esses benefícios, que são a razão essencial do seu progresso no decurso dos séculos, repousam, há muito, sobre a vigilância, a tenacidade e a grandeza dum organização tipicamente britânica: a Armada Real.

A Holanda na guerra

(Continuação da página 14)

país, em seguida a da sua própria pessoa».

Estas palavras escritas muito antes de comêço da actual guerra, num momento em que ninguém podia prever que este pacífico país, de nove milhões de habi-

tantes, seria um dia atacado por uma nação de setenta milhões de habitantes, completamente militarizados, têm um tom profético. Mais uma vez o holandês, que detesta a guerra, defendeu o seu território com coragem e tenacidade incomparáveis. Se não conseguiu resistir durante muito tempo a forças esmagadoras, e se o país foi conquistado rapidamente, apesar de inlligir graves perdas ao inimigo, o holandês mostra actualmente, lutando por toda a parte onde a ocasião se lhe proporcionar, que ainda conserva a mesma paixão pela independência.

Com efeito, a luta continua. Continua dentro do país, onde a resistência do clero, dos operários, dos funcionários, dos estudantes, não desanima. A luta continua também nas Índias Neerlandesas, nesse magnífico império de 72 milhões de habitantes que todo o bom holandês tem a certeza de ver reunido à Mãe-Pátria.

Como é natural para um povo de navegadores é sempre à marinha que cabe o lugar de destaque. Depois da gloriosa defesa das Índias Orientais, em que o almirante Doorman atacou o inimigo com a sua esquadra muito inferior em número e em força, perdendo heróicamente a vida, a armada neerlandesa foi reorganizada e enriquecida por novas uni-

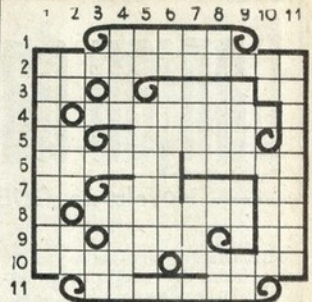
dades construídas na Gran-Bretanha e nos Estados Unidos. Compõe-se actualmente de aproximadamente 80 navios de vários tipos, entre os quais, para não citar mais do que um, se encontra «Van Kinsbergen» que durante um cruzeiro de 60.000 milhas conseguiu afundar um número de navios inimigos deslocando na sua totalidade 66.000 toneladas — o que representa mais de uma tonelada por cada milha!

Mencionemos também os aviadores. Aqueles que, à força de coragem e engenho conseguiram fugir da Holanda, juntam-se todos os dias um maior número de rapazes que, termina a instrução, anseiam por tomar parte êle: próprios na luta.

O exército de terra composto por holandeses evadidos, ainda não teve ocasião de mostrar as suas qualidades. Estes homens estão reunidos na «Brigada Irene», nome que lhe foi dado por ser o da segunda filha da princesa Juliana e que «algures em Inglaterra se prepara para entrar em acção.

Assim, cada qual no seu posto, todos guiados e encorajados pela sua valorosa Rainha-Guilhermina, os holandeses batem-se para reconquistar a independência que é a sua única e verdadeira paixão.

M. C. M. Voorbeytel



PROBLEMA N.º 75

HORIZONTAIS

- 1 — Mancha.
- 2 — Individuos que se dedicavam à arte química de procurar a pedra filosofal e a panacea universal, transformando os metais.
- 3 — Prepósito e artigo; ARTIGO DEFINIDO; Parte superior da ramagem das árvores; Apelido.
- 4 — Fervoroso.
- 5 — Símbolo químico do cobalto; CAPITAL DE UMA NAÇÃO EUROPEIA QUE TEM SIDO SISTEMÁTICA E EFICAZMENTE BOMBARDEADA PELAS FORÇAS AÉREAS ALIADAS.
- 6 — Parte da física que trata da luz e dos fenómenos da visão; Que tem asos.
- 7 — Batráquio; PREPOSIÇÃO; Certa; Aspecto.
- 8 — Intrepidez; Símbolo químico do níquel.
- 9 — Pronome pessoal; CAPITAL DE OUTRA NAÇÃO EUROPEIA, CUJA OCUPAÇÃO, POR PARTE DO EXÉRCITO LIBERTADOR ALIADO, ESTÁ EMINENTE; Pronome pessoal.
- 10 — Pequeno arpo; Tecido próprio para estofos, reposteiros, etc.
- 11 — Insignia.

VERTICAIS

- 1 — Pessoa que vive afastada das relações sociais.
- 2 — Além; Capa; Caminhar.
- 3 — Medida inglesa de cerca de 30 cm.
- 4 — Luz da Lua; Prefixo que designa repetição; Contudo.
- 5 — Gemido; Ornamento.
- 6 — Prefixo de negação; Branquearam.
- 7 — Enxerguel; Margem; Apertar molhos (prov.).
- 8 — Artigo (pl.); Portanto; A mim; Preposição.
- 9 — Doença caracterizada por sufocações intermitentes; Utensílio.
- 10 — Campeão; O mais genial poeta de Itália, nascido em Florença em 1265, autor da «Divina Comédia» e de outras obras igualmente célebres.
- 11 — Almirante inglês, grande amigo de Portugal, que prestou serviços a D. Pedro IV, entre os quais de comandar a esquadra que dos Açores trouxe ao Mindelo os 7.500 soldados liberais.



Solução do Problema n.º 74

LÂMINAS "BELZ" SUIÇAS

As melhores para barbear

Peça em toda a parte

Lâminas — "CRETA,"
"HELVETIA,"
"VELOX,"
"SWISS,"

REPRESENTANTES: Rua Nova do Almada, 46-1.º

VENDAS POR GROSSO

Telefone: 2 9879

Canção da Beira-Rio

Novela de GUEDES DE AMORIM

QUE lhe importava a vida? Nada. Ou melhor: quasi nada. Interessava-lhe, isso sim, um pouco movimento fluvial, barcos que subiam, barcos que desciam, aqui uma descarga, ali um transatlântico aprestando-se para cortar o Atlântico, e tudo coberto por um lindo sol dos primeiros de Agosto.

JOSÉ Américo estava deitado no lagedo do cais, as mãos cruzadas sobre o peito e a pala do boné puxada sobre os olhos, de modo a gozar o espectáculo do rio à sua vontade. Os que por ele passavam não lhe ligavam importância alguma. Vários da beira rio, como ele, havia muitos, muitíssimos. Em pé, deitados ou passeando lentamente de cá para lá, viam-se diversos outros, tal como José Américo, fatos em andrajos, caras de famintos, manéiras sem intenção, olhando o rio, os barcos, a múltipla e activa faina fluvial.

Porém, ninguém se igualava a José Américo em destino aventureiro. Estava próximo dos vinte e oito anos e, se o pretendesse, poderia dizer aos mais ardentes sonhadores que poucos, pouquíssimos o igualavam. Era filho de pobres. Na casa onde nascera, em Alcântara, quasi nunca entrava o sol. Pelo vidro que lhe retalhava o teto do quarto via, porém, o céu. Seu pai, mutilado do trabalho, passava os dias zangado com a vida; e sua mãe, magra e doente, ganhando o sustento da casa como «mulher-a-dias», levantava-se e deitava-se com lágrimas nos olhos. José Américo, depois de alguns meses de escola, o suficiente para aprender a ler e a escrever, fugira de casa e embarcara clandestinamente num navio mercante. Volvidos quinze dias, chegava a Nova York. Ah! Esse pri-

meiro contacto com o grande mundo — com um mundo desconhecido e, por isso mesmo, maravilhoso — deixou-o animado para ir mais longe, muito longe. Tornou-se embarcaçido. Uma vez feito homem, e já à volta dos vinte anos, podia ufanar-se de ter corrido os sete mares. E, impulsivo, forte, sentimental, a fibra lusa bem acentuada, nas dezenas, centenas de portos onde havia posto os pés dormiu em leitos de aluguer, queimando voluptuosamente lábios de mulheres a preço, e medindo forças, cara a cara, fortemente, rijamente, com homens de todas as raças.

Olhando para dentro de si, José Américo representava-se de novo, agora, tudo quanto havia vivido. Os seus amores fruidos pelo mundo além, em Singapura, Hon-Kong, Xangai, Marselha e Barcelona, enfim, nos portos de todos os continentes, passavam uma vez mais, na sua memória, em compacto corte; e de amor e de aventura. As suas arruaças, em tabernas e «café», em ruelas e esquinas, também lhe vinham à mente, fazendo-o sorrir saudosamente. Deixou de recordar... As imagens do pai e da mãe, mortos havia muito, quando ele andava lá pelos mares, dominaram-no por um instante. Afastando-se do seu passado, afastando-se de si mesmo, ficou a olhar a azáfama do rio. Onde estariam as almas dos seus velhos? No céu, certamente. Ambos tinham sofrido muito, com lágrimas, trabalhos e desespéros de toda a ordem. Estavam no céu... E, então, recordou as vezes sem fim em que cortando a imensidade marítima nos diversos cargueiros em que andava embarcado, pensava no seu quarto de menino, olhando o firmamento através do vidro do teto, em



Barcos que subiam, barcos que desciam...

simulacro de clarabóia, namorando as estrelas. E, sem o saber explicar, um forte, um fortíssimo desejo de voltar a ser criança. O invadiu. Claro, ele não estava, não, arrependido de ter conhecido os mares e travado conhecimento com muitas das várias e inquietas gentes que povoam a terra. Reconhecia, porém, que nada disso tinha valido a pena e, sobretudo, que era infeliz. Era infeliz! Depois de haver reboçado o mundo, estava saturado de tudo e de todos. Queria voltar a ser menino, queria voltar aos seus tempos em que, nada conhecendo, tudo ambicionava conhecer.

Prendeu os olhos a um barquito, de rubra vela remendada, que ia tomando direcção à barra. «Para onde vais, ó barquinho? Vais trazer tristes os teus marinheiros...» Estas palavras pesaram-lhe magoadamente no coração. De tudo quanto havia sofrido, conhecido e vivido nada restava. Estava vivo, mas estava também cansado — morto!... Tinha um bonito passado, farto de emoções, mas estava morto — tinha a emoção vazia de amores, tinha as mãos vazias de dinheiro e de felicidade!

Deixou de pensar... Atrás de si, ouviu-se uma alegre canção. Voltou a cabeça. Uma rapariga franzina, garridamente vestida, passava pelo cais a cantar. José Américo conhecia-a. Era uma dessas que andam amarradas ao amor venal como quem anda abraçada a uma cruz. Deixou-a passar, sem absolutamente nada lhe dizer. Para quê? Tantas, tantas como essa ele tinha conhecido! Não havia — podia dizê-lo

— ponto algum no mundo onde ele não tivesse amado uma mulher. Mais, para quê? Já nada lhe interessava. A paixão do mar tinha-se-lhe extinguido no peito, e, com ela, a curiosidade de novas mulheres. Dois dias antes, rejeitara convite para fazer parte da tripulação dum vapor que, dentro de horas, largava para Livrepool. Nada mais o preocupava neste mundo. Mulheres! Que fôssem todas para o diabo!

A tarde foi-se pouco a pouco extinguindo. Ao longe, a grande moeda sangrenta do acaso, tombou suavemente nas profundidades oceânicas. José Américo começou a chorar. Chorava, sobretudo, a sua vida sem amor. Os beijos colhidos nos portos do globo, se o tinham satisfeito e envaidecido um momento, nada lhe haviam deixado no coração. Assim, para quê viver, para quê trabalhar? Não valia a pena.

A rapariga errante passou de novo pela sua beira. Cantava ainda, mas, agora, uma canção muito triste. Levado por um sentimento irresistível, José Américo chamou-a. Preguntou-lhe:

— Para que cantas?
Ela, percebendo que ele sofria muito, respondeu-lhe:

— E tu, para que choras?
José Américo, sem nada retorquir, achou que talvez cantar e chorar fôssem coisas parecidas. Levantou-se e, depois, disse à rapariga:

— Para onde vais?
— Não tenho destino.
José Américo acompanhou então a rapariga errante, a rapariga sem destino.

BROOKLAX CHOCOLATE LAXATIVO

«Dezenas de milhões de caixas vendidas anualmente para todo o mundo. Prevenimos os Ex.^{ms} médicos e o público de que o mercado se encontra devidamente obastecido dêste produto.

Raúl Lopes Vieira, L.^{da}



Faton e Tudo
— em Pinheiro Lopes, S.^{ta} —
e prestações
R. Crucifixo, 31-2º



B.B.C.

**A VOZ
DE LONDRES
fala e o mundo
acredita**



EMISSÕES EM LÍNGUA PORTUGUESA

MUNDO GRÁFICO



Glória
aos aviadores
da
R. A. F.
que dominaram
os céus
da Alemanha